

## A Citânia de S. Julião, Vila Verde. Primeiras sondagens \*

MANUELA MARTINS

### Resumo

Publicam-se os resultados obtidos nas escavações realizadas na citânia de S. Julião, Vila Verde, entre os anos de 1981 e 1982 que incidiram numa das plataformas da vertente Leste do monte. Este trabalho revelou uma intensa ocupação deste sector do povoado que evidencia, na sua última fase, vestígios de romanização; datáveis de pleno século I.

### Résumé

L'auteur publie les résultats des fouilles réalisées dans la *citânia* de S. Julião, Vila Verde pendant les années 1981 et 1982, particulièrement sur les plateformes du versant Est du mont. Les fouilles ont permis de constater une occupation intensive de cette partie de la *citânia*, dont la dernière phase révèle des vestiges de romanisation que l'ont peut dater du I.<sup>e</sup> siècle après Jésus-Christ.

### Summary

Between 1981 and 1982 digs were undertaken at the hillfort of S. Julião, Vila Verde, particularly at one of the platforms on the east side of the hill. An intensive occupation in this area of the habitat was revealed including, in the latest phase, evidence of roman vestiges dated in the first century A. D.

---

\* Desenho de espólio: Fernando José Moreira e Maria Felismina Vilas-Boas (U. A. U. M.).  
Desenho de cortes e plantas: Luís Fernando Fontes (M. R. D. D. S.).  
Fotografia: Luís Fernando Fontes e Manuel Santos (M. R. D. D. S.).



## 0. Introdução

A citânia de S. Julião, em Vila Verde, é uma notável estação arqueológica, cuja situação topográfica, dimensão e sobretudo a monumentalidade dos vestígios que ainda conserva, permite considerá-la como um dos povoados fortificados mais importantes da região de Braga.

As várias vicissitudes que ao longo dos tempos a afectaram — extracção de pedra, reaproveitamento de material de construção castrejo e abertura de um caminho até ao cume do monte — não foram suficientes para lhe alterar a fisionomia, ou diminuir a importância científica. De facto, grande parte das suas plataformas de habitat apresentam-se ainda intactas, sendo visíveis, por vezes em grandes extensões, bons troços das três linhas de muralhas que defendiam o povoado.

Os trabalhos efectuados até ao momento na citânia, levam-nos a admitir que a ocupação humana do monte foi iniciada provavelmente nos finais da Idade do Bronze<sup>1</sup>, parecendo ter-se prolongado sem interrupção, ainda durante os primeiros séculos da nossa era.

A romanização do povoado encontra-se aliás bem testemunhada, quer pela presença de cerâmica romana importada e de fabrico regional, bastante abundante nos níveis superiores, quer pelo considerável número de construções, algumas já escavadas, outras recortando-se à superfície do solo, devendo corresponder já a uma fase de grande expansão do castro, datável dos princípios da nossa era.

O estudo da estação encontra-se em curso desde 1981 e integra-se num projecto de investigação sobre o povoamento proto-histórico e romano do curso médio do rio Cávado, da nossa responsabilidade.

Este trabalho pretende revelar os resultados de uma das intervenções realizadas entre 1981-1982, que fornecem uma primeira visão de conjunto sobre este importante povoado.

---

<sup>1</sup> A campanha de escavações de 1982 permitiu identificar uma zona de *habitat* com níveis de ocupação que devem remontar ao Bronze Final. Os resultados então obtidos serão divulgados oportunamente.

### 1. A citânia de S. Julião. Breve roteiro historiográfico

Embora a nossa pesquisa não seja exaustiva, curiosamente não encontramos qualquer referência na documentação medieval sobre o monte de S. Julião. A única elevação citada no «Censual de Entre Lima e Ave», que poderá corresponder, pela localização, à citânia é o monte de Santo Adrião, referido no documento n.º 1078 (COSTA, 1958, 190).

A partir de meados do séc. XIX, com os primeiros achados documentados, a estação passa a ser citada com frequência na bibliografia arqueológica, nomeadamente nos trabalhos de Carvalho da COSTA (1868, 216), Pinho LEAL (1874, 44), Abano BELINO (1909, 6) e Joaquim FONTES (1919, 198).

Já no nosso século, a citânia será objecto de escavações realizadas na década de 30 pelo Padre João Martins de Freitas, pároco da vizinha freguesia de Caldelas (Amares), que põe a descoberto duas áreas residenciais de razoáveis dimensões, ainda hoje visíveis nas plataformas da vertente Leste do monte (Est. VIII-2 e IX-1).

Uma das intervenções de João de Freitas será publicada postumamente, constituindo a única informação divulgada sobre os seus trabalhos na citânia (FREITAS, 1971, 133-138).

Do abundante espólio exumado nessas escavações, apenas se conhece o que está divulgado na estampa III da citada publicação, bem como uma curta espada de ferro, com uma curiosa empunhadura em bronze, publicada por Mário CARDOSO (1947, 65-70).

A cerâmica e objectos metálicos recolhidos no Museu do Seminário de Santiago, em Braga<sup>2</sup>, identificados como procedentes da citânia<sup>3</sup>, constituem a única colecção sobrevivente dessas intervenções, na sua maioria praticamente ainda inédita, com excepção da sigillata hispânica, publicada por Adília ALARCÃO (1958, 281-282, 298, 300-301).

Após os trabalhos do Pároco de Caldelas, a citânia cairá no esquecimento, até que, em 1979, um artigo inserto no *Jornal de Notícias*<sup>4</sup>, alertando para o abandono deste importante monumento, despoletou de novo o interesse pela estação. A partir desse momento e graças à colaboração da Câmara Municipal

---

<sup>2</sup> Agradecemos ao Cônego Luciano dos Santos ter-nos facilitado o acesso à colecção de objectos, provenientes de S. Julião, que se encontra exposta neste Museu.

<sup>3</sup> Considerando as características de algumas das peças expostas neste Museu, com referências de S. Julião, nomeadamente de uma colecção de copos e potes de fabrico comum, tipologicamente semelhantes aos que aparecem em necrópoles romanas do Norte de Portugal (por ex. em *Bracara Augusta*), e não havendo na citânia quaisquer vestígios de uma necrópole, admitimos que esse núcleo possa pertencer à necrópole romana de Caldelas (Amares), também escavada pelo Padre João de Freitas e da qual existem neste Museu algumas peças.

<sup>4</sup> Carlos Ribeiro. Importante estação arqueológica votada a abandono preocupante (no monte de S. Julião, Vila Verde), *O Jornal de Notícias*, 15 de Maio de 1979.

de Vila Verde<sup>5</sup>, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e da Secretaria de Estado da Cultura foi possível empreender esforços no sentido de preservar e valorizar o povoado<sup>6</sup>, que viria a ser classificado, logo em 1980, como imóvel de interesse público.

## 2. Localização e contexto geográfico

A citânia de S. Julião localiza-se no monte do mesmo nome (Est. I), estando a sua propriedade repartida pelas freguesias da Ponte (também conhecida por Ponte de S. Vicente) e do Coucieiro, ambas do concelho de Vila Verde.

Estrategicamente localizada, dela se domina uma extensa planície onde confluem as bacias dos rios Homem e Cávado e se abrangem por vastos horizontes, outros povoados, alguns certamente coevos das suas fases de ocupação, como a Portela da Joubreia<sup>7</sup>, o castro Máximo<sup>8</sup>, o Monte do Castelo (castro do Barbudo)<sup>9</sup>, ou ainda o vizinho castro do Vairão<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> A Câmara Municipal de Vila Verde demonstrou desde sempre o maior interesse na conservação e estudo desta estação arqueológica. Foi por sua iniciativa que foi vedada grande parte da área do castro, devendo-se igualmente ao município a contratação de um guarda a tempo inteiro, Sr. João de Lima, que assegurou durante o ano de 1982 a manutenção das ruínas. Foi também a mesma edilidade que garantiu financeiramente a nossa primeira campanha de escavações, bem como o levantamento topográfico do monte, além de vários apoios pontuais no transporte e no equipamento. Pelo facto, é-nos grato deixar aqui expresso o nosso sincero reconhecimento à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente, Sr. António Sequeira, e na de todos aqueles que, a diversos níveis, têm tornado possíveis os trabalhos na citânia.

<sup>6</sup> A Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho procedeu em 1982 à limpeza e recuperação dos conjuntos residenciais escavados pelo Padre João de Freitas. Este trabalho foi possível graças à concessão de um subsídio, especialmente para esse efeito, pela Secretaria de Estado da Cultura.

<sup>7</sup> Este povoado localiza-se na freguesia da Portela, no concelho de Amares. Os trabalhos de escavação aí realizados em 1978 (JORGE, 1979 a, 121-231) e 1979 (JORGE, 1979b, 281-292), revelaram uma sucessão estratigráfica correspondente a diferentes épocas de ocupação. A fase mais antiga será definida pelos estratos com cerâmica do grupo Penha, datável segundo os últimos trabalhos de Susana Oliveira Jorge de um período pré-campaniforme. O espólio e estruturas correspondentes às fases mais recentes da estação, permitem enquadrá-la no grupo dos povoados de tipo castrejo.

<sup>8</sup> O castro Máximo ou Monte Castro localiza-se na periferia da área urbana de Braga, pertencendo à freguesia de S. Vicente. O povoado, documentalmente referido já no séc. IX (COSTA, 1965, 35), foi objecto de várias memórias e descrições em épocas mais recentes (ARGOTE, 1744, 99; FREITAS, 1890, 320; BELINO, 1905, 5), que se referem tanto às estruturas como ao espólio aí encontrados. As escavações realizadas por Carlos TEIXEIRA (1936), Russel CORTEZ (1954) e pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (CASTRO *et alli*, 1979, 37-51), parecem confirmar uma ocupação exclusivamente pré-romana, admitindo-se o abandono do povoado aquando da fundação da cidade romana de *Bracara Augusta*.

<sup>9</sup> O Monte do Castelo ou castro do Barbudo, localiza-se no concelho de Vila Verde, abrangendo terrenos das freguesias de S. Tiago de Carreiras, Moure e Barbudo. As referências mais antigas ao sítio podem ser encontradas nas fontes medievais, nomeadamente no «Liber Fidei» (COSTA,

A leitura da folha n.º 42 da carta 1:25.000 dos Serviços Cartográficos do Exército fornece-nos as seguintes coordenadas geográficas do sítio <sup>11</sup>:

Latitude 41° 41' 15" N

Longitude 0° 41' 14" E do Meridiano de Lisboa

O monte é uma elevação com a altitude máxima de 297 m, cota que corresponde ao maciço rochoso sobre o qual se ergue uma pequena ermida que tem por orago S. Julião ou S. Gião como sugere o Cónego Arlindo da CUNHA (1961).

O topo do monte é aplanado e razoavelmente extenso, oferecendo uma vasta plataforma apenas cortada pelos ressaltos de duas linhas de muralhas.

O substrato rochoso, granito porfiróide de grão médio ou fino a médio <sup>12</sup>, é coberto por um solo de espessura variável e aflora com frequência à superfície.

A cobertura vegetal é predominantemente constituída por herbáceas e graminéas existindo, no entanto, manchas de pinhal já a meia encosta.

As vertentes Norte, Sul e Oeste apresentam pendor abrupto, oferecendo boas defesas naturais. A vertente Leste revela uma disposição em tabuleiros artificiais que atenua o seu pendor natural (Est. VIII-1). É aqui que se concentra a maior parte dos vestígios arqueológicos do castro, sobretudo os residenciais, facto a que não será estranho o carácter mais abrigado da vertente.

O monte de S. Julião integra-se na bacia hidrográfica do rio Homem, cuja confluência com o Cávado se situa poucos Kms. a jusante. Tem como cursos de água próximos diversos subafluentes daquele primeiro rio, que correm pela base das vertentes Leste e Sul. No sopé das vertentes Norte e Oeste dominam os afluentes da ribeira do Loureiro, também pertencente à bacia do Homem.

O acesso à estação faz-se a partir do lugar da Ponte de S. Vicente, virando à esquerda (sentido Vila Verde-Valbom), por um caminho que, desta povoação, sobe até ao cume do monte.

---

1965, 234) ou ainda no «Censual de Entre Lima e Ave» (COSTA, 1958, 160, 177-179, 182, 358, 376) onde é citado, entre outros, com os nomes de *Barbulo*, *Barvodo* e *Barvudo*. No princípio deste século, foi encontrado, na vertente do monte sobranceira a Carreiras, um tesouro monetário de pequenos bronzes dos séculos IV e V (OLIVEIRA, 1908, 667-668; HIPÓLITO, 1960-61, 16-17), que permitem supor a sua ocupação ainda em finais do Império. O povoado encontra-se presentemente em estudo, enquadrado no âmbito da nossa investigação.

<sup>10</sup> O castro do Vairão localiza-se no concelho de Vila Verde, na freguesia de S. Miguel de Oriz, sendo bem visível a NE da citânia de S. Julião. Foi identificado no decorrer dos trabalhos de levantamento arqueológico realizados no ano de 1982 pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

<sup>11</sup> Leitura correspondente à zona mais alta do monte.

<sup>12</sup> Granito característico da região de Braga (TEIXEIRA *et alli*, 1975).

### 3. Campanhas de 1981-1982

Os primeiros trabalhos de escavação que realizámos na citânia de S. Julião, decorreram entre 8 de Setembro e 21 de Outubro de 1981<sup>13</sup>. Os seus objectivos procuraram fundamentalmente obter dados estratigráficos e cronológicos que permitissem enquadrar os diferentes vestígios arquitectónicos escavados nos anos 30, bem como o espólio sobrevivente.

Este facto levou-nos a escolher para local de trabalhos uma zona que tinha à partida, possibilidades de oferecer estratigrafia. Assim foi realizada uma primeira sondagem numa das plataformas da vertente Leste, parcialmente rasgada pela estrada que dá acesso à capela (Est. IX-2).

Foi estabelecida uma quadrícula de base de  $5 \times 5$  m, tendo sido marcados para escavação quatro cortes correspondentes a uma área de  $48 \text{ m}^2$ , constituída por dois retângulos de  $2 \times 4$  m, abrangendo o rasgão da estrada, e dois quadrados de  $4 \times 4$  m (Est. II).

Esta zona foi identificada como sector A e os cortes receberam a designação de A1, A2, A3 e A4, tendo-se mantido a separá-los, banquetas de 1 m (Est. X-1).

A segunda campanha de escavações decorreu entre os meses de Setembro e Dezembro de 1982<sup>14</sup>. Nesta intervenção foram realizados trabalhos em dois locais diferentes do povoado. Um deles teve um carácter meramente pontual e consistiu na escavação das banquetas do sector A. O outro caracterizou-se pela abertura de um corte de 18 m de comprimento na plataforma superior do povoado zona de escavação que foi designada por sector B.

Com esta sondagem pretendia-se aproveitar o perfil deixado pela máquina, ao rasgar o estradão até à capela e verificar a existência de uma primeira linha de defesa que se deixava adivinhar pelos contornos bastante regulares da plataforma. A escavação viria, de facto, a confirmar a existência de uma pequena acrópole. No entanto, a extensão do corte, a grande profundidade a que se encontrou a rocha e a complexidade das estruturas defensivas descobertas, levam-nos a reservar para outro momento a publicação desses resultados.

---

<sup>13</sup> Esta campanha contou com a colaboração dos seguintes elementos: Luís Fernando Fontes e António Pereira de Araújo do Museu de Arqueologia de D. Diogo de Sousa; Sophie Delavis e Maria Felismina Vilas Boas; Maria do Sameiro Cunha; Margarida Ramos de Sá Leite e Júlia Maria Peixoto, estudantes incluídos no programa O.T.L.

<sup>14</sup> Participaram na escavação: Luís Fernando Fontes e António Pereira Viana de Araújo (Museu de D. Diogo de Sousa); Maria Felismina Vilas Boas (U. A. U. M.); Henrique Lemos Regalo; Maria de Fátima Correia Cardoso e José Pedro Ribeiro (estudantes do curso de História da Faculdade de Letras do Porto) e o Sr. João de Lima (guarda da citânia).

### 3.1. Sector A: estruturas e estratigrafia

A estampa III revela o conjunto das estruturas postas a descoberto neste sector. Apresentavam-se bastante superficiais, encontrando-se praticamente reduzidas aos alicerces e mostravam nítidas perturbações, em grande parte resultantes do seu desmantelamento parcial. Estes condicionalismos, agravados pela concentração e sobreposição de muros numa área de tão reduzidas dimensões, dificultaram a compreensão cronológica e funcional do sítio.

No entanto, muito embora a interpretação rigorosa de algumas estruturas careça de um alargamento do corte e de uma leitura horizontal, foi-nos possível obter dados relevantes sobre as diferentes fases de ocupação deste sector do povoado.

Passamos a descrever as estruturas de acordo com o estampa III.

A estrutura A recorta-se à superfície do solo, dela tendo restado praticamente só o alicerce. Os seus alinhamentos são irregulares, as suas paredes espessas, vincando uma construção bastante tosca. Incorpora blocos grosseiramente talhados, alguns de grandes dimensões, que ora assentam na rocha, ora na camada 7 (Est. V). Admitimos que esta estrutura possa corresponder a uma habitação circular, embora seja necessário completar a sua escavação para o afirmar. De facto, não encontramos qualquer vestígio de pavimento, sendo possível, no entanto, que se situasse a uma cota próxima do solo actual.

A estrutura B corresponde a uma casa circular de razoáveis dimensões com vestíbulo. Apresenta um pavimento de terra batida, endurecida pelo fogo e revela um aparelho de boa qualidade que se assemelha ao das construções visíveis nas plataformas mais baixas desta vertente (Est. IX-1). Os seus alicerces, bem desenvolvidos, descem à rocha, tendo cortado alguns sítios a camada 7 (Est. VII-2). Parte do muro do vestíbulo foi parcialmente destruído, sendo, no entanto, ainda perceptível o local da entrada (Est. III).

O corte que realizámos no pavimento desta habitação (Est. VII-2), viria a evidenciar a existência de uma outra estrutura (C) (Est. III), da qual apenas restam os alicerces que cortaram a camada 7. A sua tendência circular permite supor tratar-se de outra habitação, em dado momento inutilizada e entulhada (Est. X-2).

A estrutura D foi parcialmente destruída pelo corte da estrada. Embora não tenha sido escavada, parece pertencer a uma construção rectangular ou quadrada (Est. III). O aparelho é cuidado e de qualidade semelhante ao da estrutura B. Uma vez que o pavimento lajeado encosta a estas duas estruturas, é talvez admissível a sua utilização simultânea.

A estrutura E possui manifestamente duas fases de construção (Est. XI-1), bem visíveis através das diferenças do seu aparelho (Est. VII-1). Nada sabemos sobre as suas dimensões iniciais, nem mesmo sobre a sua primitiva função. No entanto, é notória a sua anterioridade em relação ao pavimento lajeado que encosta à parede conservada da estrutura inicial (Est. III e VII-1).



Em dado momento, que deve corresponder à última fase de ocupação do sítio, o muro foi remodelado e/ou acrescentado, tendo-lhe sido incorporada a boca de uma canalização (estrutura F), implantada entre as estruturas A e B. Esta canalização é constituída por um leito de pequenas lajes (Est. VII-1), alteada por duas paredes formadas por blocos bem talhados e pouco espessos. A sua cobertura foi organizada com pedras rudimentarmente afeioadas e dispostas na horizontal (Est. XI-2). Considerando as características do seu enchimento e a ausência de vestígios de tubagens, admitimos que tenha funcionado para drenagem da água das chuvas.

Foi ainda posta a descoberto uma espessa camada de argamassa, relativamente bem consolidada (estrutura G), anterior à estrutura B e parcialmente coberta pelo pavimento lajeado (Est. VI). Esta camada parece ter sido cortada para implantar o muro do vestíbulo (Est. III), tendo ainda sido rompida quando aquela estrutura foi violada. Torna-se assim impossível delimitar os seus contornos iniciais, sendo possível que corresponda a um solo de ocupação, uma vez que encontramos integrados neste pavimento vestígios de duas lareiras e onze pequenos buracos de poste, com secção em U alongado (Est. III).

A complexidade das estruturas deste sector contrasta com a clareza da estratigrafia observada. A sequência de camadas que obtivemos nos múltiplos cortes efectuados revelou-se praticamente sempre a mesma e corresponde à leitura que é fornecida pelos cortes A-B (Est. V) e C-D (Est. VI) aqui apresentados.

Com excepção de algumas pequenas camadas sem grande significado cultural, verificamos a seguinte sucessão estratigráfica de cima para baixo:

- C.1 — Terra vegetal.
- C.2 — Terra fina, argilosa, de cor cinzenta escura. Apresenta-se compacta e incorpora material de tipo pequeno, médio e grosseiro. Possui características de camada de derrube, relativamente recente.
- C.3 — Terra fina de cor castanha. Revela-se compacta e incorpora abundantes carvões, restos de argila e elementos graníticos em decomposição. Integra material de tipo pequeno e médio. Corresponde ao enchimento da estrutura A, sendo apenas visível no corte A-B (Est. V).
- C.5 — Terra pouco argilosa, mediamente compacta, de cor castanha amarelada. Revela fragmentos de argila, com pigmentações variáveis e pontos de carvão dispersos. Incorpora material de tipo pequeno, médio e grosseiro, este último sobretudo junto às estruturas. Trata-se de uma camada de derrube.
- C.6A — Terra pouco argilosa, relativamente compacta, de cor castanha, com cinzas e carvões dispersos e raros elementos de tipo fino. Esta camada forneceu abundante espólio, pelo que a interpretamos como um nível de ocupação exterior e contemporâneo da habitação B.
- C.6B — Nível de argamassa muito compacta, de cor dominante amarela alaranjada. Existem, no entanto, variações de tonalidade que vão do amarelo ao vermelho vivo. Integra pedras de pequenas dimensões, que lhe asseguram grande consistência.

A sua composição e horizontalidade permitem interpretá-la como um pavimento. Revela duas lareiras, uma delas visível na estampa VI (C.6C), com-

posta por terra preta, pouco consistente, com abundantes carvões e cinzas, sob a qual existe uma pequena camada de areão (C.6D), que deve corresponder a um leito de preparação (Est. V e VI).

- C.7 — Terra argilosa, compacta, de cor castanha escura, com manchas negras, resultantes da concentração de carvões e cinzas, e amarelas (C.7A) (Est. V e VI), devidas tanto à presença de elementos graníticos em decomposição, como à de restos de argamassa e barro vermelho, correspondentes a lareiras.

A sobreposição das construções e o facto de muitas delas se alicerçarem na rocha, não possuindo, na maior parte dos casos, valas de fundação, tornam difícil o seu faseamento.

De facto, se por um lado possuímos alguns momentos de ocupação bem definidos, evidentes quer pelas estruturas, quer pelo cariz das camadas, quer ainda pelo espólio arqueológico associado, temos por outro lado dificuldades em enquadrar certas construções, como é o caso das estruturas A, C e E (Est. III).

No entanto, tendo em conta a estratigrafia, pensamos ser possível definir três momentos evidentes na ocupação do sítio.

Um primeiro momento estará representado pela camada 7, que se estende a toda a zona e que consideramos anterior a qualquer das estruturas. O facto desta camada mostrar abundantes níveis de lareiras e alguns buracos de poste, permite considerar que estamos em presença de um momento de ocupação do povoado, em que as habitações seriam construídas com materiais perecíveis.

Um segundo momento poderá corresponder à estrutura G (camada 6B), podendo, hipoteticamente, estar relacionado com a implantação das estruturas A e C, uma vez que estas são anteriores à fase seguinte.

Teríamos em seguida um terceiro momento, que pode ser subdividido em três fases, 3a, 3b e 3c.

A fase 3a está definida pela edificação das estruturas B e D (Est. III). Tendo em conta as características do espólio associado à camada 6A, devemos relacioná-la com esta fase e interpretá-la como um nível de ocupação exterior àquelas estruturas e coevo da sua utilização.

O pavimento lajeado (Est. III) deverá ser atribuído à fase 3b, que nos permitimos reconstituir em plano (Est. IV) dada a complexa sobreposição de estruturas visíveis na estampa II.

Posteriormente, mas ainda numa época de plena utilização deste sector, foi construída a canalização (estrutura F), tendo-se remodelado, ou acrescentado o muro E (fase 3c).

Tudo leva a crer que esta área tenha sido abandonada um pouco cedo, relativamente ao conjunto do povoado. Teria então sido desmontado parte do pavimento lajeado e retirada pedra da estrutura B, provavelmente para reaproveitamento de material de construção.

### 3.2. *Espólio*

As intervenções realizadas no sector A permitiram exumar largas centenas de fragmentos de cerâmica de diversas épocas e diferentes fabricos.

A camada 7, correspondente à fase de ocupação mais antiga deste sector, forneceu exclusivamente cerâmica de fabrico indígena. O fabrico a torno é dominante, embora exista razoável número de fragmentos de cerâmica feita à mão. As pastas apresentam-se regra geral mal cozidas, revelando na sua composição abundantes grãos de quartzo, muita mica e feldspatos, características que aproximam o conjunto da cerâmica dita «castreja». As superfícies exteriores das peças apresentam-se na sua maioria alisadas à mão, facto que lhes confere um aspecto irregular.

Apesar do estado de fragmentação da cerâmica, parece evidente que as formas dominantes nesta camada são os potes, de dimensões variáveis, quase sempre de perfil em S. Existem bordos esvasados de lábios arredondados (Est. XIV-3), sendo também abundantes os bordos em aba e em aba soerguida (Est. XIV-1 e 5).

De fabrico manual destacamos alguns exemplares de bordos com lábios horizontais (Est. XIV-7 e 8).

As panelas ou tachos de asa interior estão pouco representadas nesta camada. A sua produção está testemunhada por três asas de secção circular e por um fragmento de bordo e pança com asa (Est. XIV-6). Trata-se, no entanto, de uma peça de fabrico manual.

Destacamos ainda a presença de uma forma pouco comum e que classificamos como uma pequena malga (Est. XIV-4), que deveria apresentar duas pequenas asas horizontais exteriores, de secção circular.

Esta camada revelou abundantes fragmentos de cerâmica decorada. A decoração foi obtida predominantemente por incisão, mas existem também motivos estampilhados como os círculos e os SSS.

A temática decorativa é rica existindo fragmentos em que se combinam diferentes técnicas e ornamentos, aliás comuns na cerâmica castreja. Assim, as caneluras associam-se aos SS interligados, por vezes dispostos quase na horizontal, aos triângulos inscritos por linhas oblíquas, ou ainda a pequenas incisões dispostas em sequências horizontais (Est. XII-1).

Os círculos concêntricos parecem associar-se, quase exclusivamente, a triângulos inscritos.

A camada 6B, embora só forneça cerâmica de fabrico indígena, parece marcar um limite entre dois momentos culturais bem definidos. De facto, a cerâmica romana, totalmente ausente nas camadas 7 e 6B, aparece com certa frequência a partir da camada 6A. Ao mesmo tempo, é patente a presença de formas desconhecidas nas camadas anteriores.

Assim, imediatamente sobre a camada 6B, surgem-nos fragmentos de painéis de asas em orelha (Est. XV-12), de tipologia já conhecida. Esta forma aparece quase sempre em contextos já romanizados, nomeadamente em Briteiros Guimaraes (CENTENO, 1978, 422), Sto. Estevão da Facha, Ponte de Lima (ALMEIDA *et alli*, 1981, 46), ou Monte Mozinho, Penafiel (ALMEIDA, 1977, 26-27), datável aqui de entre finais do séc. I a. C. até meados do séc. I da nossa era.

A camada 6A oferece também abundantes bordos de talhas de fabrico indígena (Est. XV-14 e 15), correspondendo a peças de paredes espessas não raro de fundos reforçados.

Este tipo de produção encontra-se bem testemunhado nas últimas fases de ocupação de povoados como Sabroso, atribuídas a um castrejo evoluído de pleno séc. I a. C. (SOEIRO *et alli*, 1981, 345) e ainda em povoados já romanizados como Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA, 1980, 57-78), ou Sto. Estevão da Facha, Ponte de Lima, onde surge no horizonte designado de «Castrejo IB», cuja baliza final aponta para meados do séc. I da nossa era (ALMEIDA *et alli*, 1981, 44-45).

Na camada 6A estão ainda presentes, embora em pequena quantidade, painéis e tachos de asa interior, cuja cronologia aponta para horizontes culturais idênticos aos das produções já citadas.

Ao lado da cerâmica de fabrico indígena, esta camada apresenta ainda fragmentos de cerâmica comum romana, em estado muito fragmentado e de cronologia incerta. As pastas são geralmente alaranjadas ou bejes, revelando vestígios de aguada avermelhada.

A camada 5 corresponde já a um momento de destruição e abandono do sector. Aqui são abundantes os vestígios de cerâmica comum romana, tendo-se também encontrado um fragmento de sigillata hispânica, de forma indeterminável e um fragmento de bordo de ânfora (Est. XVI-20), que nos parece enquadrável no tipo Haltern 70, cuja cronologia corresponde ao último quartel do séc. I a. C. e à 1.ª metade do século I da nossa era<sup>15</sup>.

Os materiais de importação mais abundantes aparecem na camada humosa. Embora o seu interesse estratigráfico seja nulo, consideramos importante assinalar a presença de um fundo de tigela de sigillata hispânica, com círculo inciso, com marca (Est. XVI-23). Trata-se de um produto da oficina de VALERIUS PATERNUS<sup>16</sup>, cuja cronologia não parece ir além do séc. II (MAYET, 1970, 25).

O espólio metálico proveniente deste sector é pouco abundante, reduzindo-se a raros fragmentos de objectos de bronze e de ferro, que aparecem de modo uniforme em todas as camadas.

---

<sup>15</sup> Este tipo de ânforas, produzido na Bética, destinou-se fundamentalmente ao transporte de vinho (COLLS *et alli*, 1977, 33-38). Conhecem-se exemplares idênticos em alguns castros, nomeadamente, na Citânia de Briteiros, Guimaraes e no castro de Santo Ovídio, Fafe (MARTINS, 1981, 14).

<sup>16</sup> Até ao momento, o sítio mais setentrional de dispersão desta marca parece ser Conimbriga, onde o seu achado ocorre em contextos datáveis do séc. II (MAYET, 1973, 59).

Dos artefactos de bronze destacamos duas contas, parte de um alfinete de cabelo e um prego de cabeça quadrada.

O trabalho do ferro encontra-se testemunhado por restos de escórias e por alguns pregos. O estado de alteração de outros achados do mesmo metal tornam difícil a sua identificação tipológica.

Da camada 5 provém uma moeda de bronze do imperador Tibério (Est. XIII-2), cunhada em Graccurnis, no Vale de Ebro. O numisma apresenta uma contramarca, tendo sido perfurado a fim de servir como elemento de suspensão<sup>17</sup>.

A descoberta de razoável número de fusaioias (Est. XII-2) prova que a fiação era uma das várias actividades praticadas pelos habitantes da citânia.

Da camada 7 provém um conjunto de 11 pesos de rede, de tamanho médio (BRANDÃO, 1971, 584), afeiçoados em seixos rolados, de composição granítica (Est. XIII-1). Apresentam-se quase todos achatados, tendo sido grosseiramente talhados em dois dos seus lados<sup>18</sup>.

#### 4. Considerações finais

As estruturas e o espólio analisados permitem-nos tecer algumas considerações de ordem cronológica e cultural sobre a ocupação deste sector, que só a título provisório poderão ser generalizadas ao conjunto do povoado<sup>19</sup>.

Assim, verificámos a existência de uma primeira fase de ocupação do sítio, representada pela camada 7, que apresenta como estruturas apenaslareiras e buracos de poste e que integra um conjunto de cerâmicas, que, embora com abundantes paralelos em níveis pré-romanos de diversos castros, não pode ser datado com rigor.

Esta fase, testemunhada já em inúmeros povoados<sup>20</sup>, parece corresponder a um momento cultural da evolução dos castros, que se traduz pela ausência de estruturas em pedra, de carácter doméstico. De facto, muito embora a construção de habitações em pedra possa ocorrer em épocas remotas da ocupação dos cas-

<sup>17</sup> Segundo o Dr. Rui Centeno da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que gentilmente se prestou a classificar a moeda, esta prática, relativamente vulgarizada, parece ligar-se ao culto imperial, não devendo ser posterior ao séc. II.

<sup>18</sup> Estes artefactos aparecem com abundância em estações pré-históricas do litoral (FERREIRA, 1978, 131), sendo também comuns nos povoados castrejos (PINTO, 1928, 29-30; HIDALGO CUÑARRO, 1983, 38-39), a testemunhar aqui a importância da pesca na alimentação destas comunidades.

<sup>19</sup> As escavações realizadas em 1982 e 1983, no sector B, permitiram identificar um horizonte de ocupação, desconhecido no sector A, que integra cerâmicas de fabrico manual, incluindo formas carenadas, do tipo «Alpiarça» e que poderá corresponder à fase mais antiga da citânia.

<sup>20</sup> No vale do Cávado, conhecemos, pelo menos, os casos dos povoados do Lago, Amares e do Castro Máximo, Braga, onde as estruturas residenciais de pedra surgem apenas em níveis de ocupação datáveis do séc. I. a. C.

tros (SILVA, 1983, 8), vem sendo sistematicamente admitido, desde as escavações de Cameixa (LOPEZ CUEVILLAS, 1952, 89-91) que, anteriormente ao séc. I a. C. grande parte dessas estruturas possam ser predominantemente organizadas com materiais perecíveis (TRANOY, 1981, 90).

Trata-se de um momento cultural que permanece de certo modo obscuro e é ainda de difícil precisão cronológica, uma vez que a ausência de materiais bem datados, não permite balizar a sua evolução.

Em S. Julião, esta primeira fase pode apenas ser datada, relativamente aos períodos subsequentes, de um momento anterior ao séc. I a. C.

A segunda fase de ocupação do sector A da citânia, caracterizada pela camada 6B e eventualmente pelas construções A e C, é também de difícil atribuição cronológica dada a escassez e o estado de fragmentação da cerâmica associada. Admitimos, no entanto, que possa ser datada de meados do séc. I a. C., correspondendo aqui, provavelmente, ao início da construção de estruturas de pedra.

A terceira fase de ocupação é, sem dúvida, aquela que oferece maior informação do ponto de vista da cultura material. De facto, o conjunto de estruturas que lhe são atribuídas (Est. IV), permite que se considere estarmos em presença de um momento de expansão e florescimento do povoado. Pertencerão certamente a este momento, algumas das estruturas escavadas por João de Freitas (Ests. VIII-2 e IX-1), que revelam uma razoável qualidade de execução e uma organização espacial mais coerente, onde se denotam já «preocupações urbanísticas», a nível da definição de zonas de circulação entre as vivendas.

A cerâmica proveniente da camada 6A forneceu-nos um indicador cronológico que, por paralelismo com outras estações, nos permite localizar o início desta fase a partir de meados do séc. I a. C., com um desenvolvimento pleno por todo o séc. I da nossa era.

Trata-se de um período que deverá caracterizar-se por contactos intensos com os romanos, já instalados na região, nomeadamente com *Bracara Augusta*, que terá servido como centro difusor, quer de produtos, como ânforas ou sigillatas, quer de ideias.

No entanto, a duração desta fase em S. Julião é discutível não se encontrando bem definida, pelo menos neste sector do povoado. De facto, não possuímos materiais de cronologia rigorosa, que ofereçam uma baliza final segura para o abandono das estruturas. Quer o numisma de Tibério que pode ter sobrevivido na forma de pendente, até pelo menos aos finais do séc. II, quer o bordo de ânfora, cuja utilização poderá datar de pleno séc. I da nossa era, ambos provenientes da camada de abandono (C. 5), são elementos cronológicos insuficientes para datar o fim desta fase.

Ainda assim ela parece corresponder a um momento bem representado na maioria dos castros que sobreviveram à instalação romana no NW Peninsular,

podendo-se admitir que a grande maioria dos vestígios de arquitectura doméstica que povoam este tipo de estações, pertença a esta fase de aparente prosperidade.

Também o espólio deste período, sobretudo a cerâmica, surge cada vez mais como uma unidade de produção relativamente coesa, no conjunto da cerâmica castreja.

Pensamos todavia, que o prosseguimento dos trabalhos na citânia de S. Julião, virá precisar melhor os resultados agora revelados, que se confinam tão só a uma zona meramente residencial e não esgotam quer os problemas da cronologia de ocupação do povoado, quer a riqueza dos seus testemunhos, nomeadamente os de arquitectura militar.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília, 1958, Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, LXVIII, n.ºs 3-4, Guimarães, pp. 249-310.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1977, *Escavações no Monte Mozinho*, II, 1975-1976, Centro Cultural Penafiel, Penafiel.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Teresa Soeiro, Carlos Alberto Brochado de Almeida e António José Baptista, 1981, *Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*, Ponte de Lima, sep. do Arquivo de Ponte de Lima, n.º 3.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de, 1744, *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, vol. 3, Braga.
- BELINO, Albano, 1909, Cidades Mortas, *O Arqueólogo Português*, vol. 14, Lisboa, pp. 1-28.
- BRANDÃO, D. Domingos de Pinho e Fernando Lanhas, 1971, «Pesos de rede» ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 581-589.
- CASTRO, João Sampaio, Susana Helena Correia e Eduardo Pires de Oliveira, 1979, O Castrum Maximum (Monte Crasto) Braga — Arqueologia e História, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 37-53.
- CENTENO, Rui M. S. e Armando Coelho F. da Silva, 1978, Corte Estratigráfico na Citânia de Britteiros (Guimarães), 1977-1978, *Revista de Guimarães*, pp. 421-430.
- COLLS, Dali, Robert Etienne, Robert Lequément, Bernard Lion e Françoise Mayet, 1977, L'Epave-Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude, *Archaeonautica*, 1, Ed. du CNRS, Paris.
- CORTEZ, Fernando Russell, 1954, *Relatório da 2.ª campanha de escavações arqueológicas mandadas efectuar pela Câmara Municipal de Braga* (dact.).
- COSTA, A. Jesus da, 1958, O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga, 2.ª parte, Censuais dos sécs. XI a XV, *Biblos*, 34, Coimbra.
- COSTA, A. Jesus da, ed. crítica de, 1965, *Liber Fidei Sanctuae Bracarensis Ecclesiae*, Vol. 1, Junta Distrital de Braga, Braga.
- COSTA, Carvalho da, 1868, *Corografia Portuguesa*, I, 2.ª edição, Braga.
- FERREIRA, O. da Veiga, 1968, Algumas notas acerca da pesca na Antiguidade, *O Arqueólogo Português*, III, Série II, Lisboa, pp. 113-133.
- FONTES, Joaquim, 1916, La Station de S. Julião aux environs de Caldelas, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, VII, Lisboa, pp. 198.
- FREITAS, Bernardino Sena, 1980, *Memórias de Braga*, Vol. 1, Braga.
- FREITAS, João de, 1971, Citânia de S. Julião de Caldelas, *O Arqueólogo Português*, V, 3.ª série, Lisboa, pp. 133-138.
- HIDALGO CUÑARRO, José Manuel, 1983, *Excavaciones arqueológicas en el castro de Vigo*, Publicaciones del Museu Municipal «Quiñones de León» (Castrelos) n.º 6, Vigo.
- HIPÓLITO, M. de Castro, 1960-61, Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra.
- JORGE, Susana Oliveira e J. J. Rigaud de Sousa, 1979 a, Resultados preliminares de uma sondagem na estação arqueológica da Chã do Castro (Amares-Braga), *Actas do Seminário de Arqueologia do NW Peninsular*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 121-131.
- Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, 1984, pp. 11-27



- JORGE, Susana Oliveira, 1979 b, Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro (Amarelos-Braga), *Revista de Guimarães*, vol. LXXXIX, Guimarães, pp. 281-292.
- LEAL, Pinho, 1874, *Portugal Antigo e Moderno*, II, Lisboa.
- LOPEZ CUEVILLAS, F., 1952, Castro de Cameixa, 1944-1945, *Noticiário Arqueológico Hispânico*, 1, Madrid, pp. 75-91.
- MARTINS, Maria Manuela, 1981, O povoado fortificado de Santo Ovídio (Fafe). Resultados preliminares, *Cadernos de Arqueologia*, n.º 1, Braga.
- MAYET, Françoise, 1970, A propos de deux potiers de Merida: Valerius Paternus et Lapillus (Problèmes de Méthode), *Mélanges de la casa de Velasquez*, tomo VI, pp. 5-41.
- MAYET, Françoise, 1973, Marques de potiers sur sigillée hispanique à Conimbriga, *Conimbriga*, XII, Coimbra, pp. 1-65.
- OLIVEIRA, Manuel de, 1908, Tesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal, *Portugália*, II, Porto, pp. 667-668.
- PINTO, Rui de Serpa, 1928, O asturiense em Portugal, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Tomo V, 1, Porto.
- SILVA, A. Coelho, F. da, 1983, *A cultura castreja no Noroeste de Portugal, habitat e cronologias*. Ponência fotocopiada apresentada ao Colóquio inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Porto, Novembro.
- SOEIRO, Teresa, Rui M. S. Centeno, Armando Coelho F. da Silva, 1981, Sondagem arqueológica no castro de Sabroso, *Revista de Guimarães*, XCI, Guimarães, pp. 341-350.
- TEIXEIRA, Carlos A., 1936, Subsídios para o estudo da Arqueologia Bracarense, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, n.º 21, Porto.
- TEIXEIRA, Carlos A., et alii, 1975, *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-B*, Ponte da Barca, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- TRANOY, Alain, 1981, *La Galice romaine*, Diffusion du Bocard, Paris.